

Guga Fernandes abriu seu bonito apartamento para homenagear Douglas Paulo da Silva

● PÁGS 4 e 7



Guga Fernandes e os filhos Gustavo e Felipe Pires de Castro com Douglas Paulo da Silva

Salgado Maranhão foi homenageado pela UBE, no Rio, com o Troféu Rio 2023

● PAG. 8

Divulgação/Herbert Alves



NO COMEÇO

desta semana, a advogada e atual procuradora-geral do Ministério Público de Contas, Flávia Gonzalez Leite, teve a sua indicação aprovada, por unanimidade, pela Assembleia Legislativa do Estado, para a vaga de conselheira do Tribunal de Contas do Estado (TCE/MA). Ela será a primeira mulher na composição do TCE em 77 anos de história da Corte de Contas

● PÁGS. 3

Este ano, até agora, foram poucos os cartões de Natal que recebi. Com a internet e os celulares que enviam mensagens instantâneas, quase ninguém mais perde tempo no ritual dos cartões. É uma pena. Em breve não mais teremos, nesta época do ano, paredes de casas e portas de escritórios decoradas pelos papéis coloridos, com votos de paz e prosperidade.

Fiz, no início da semana, uma triagem do material que chegou à minha mesa de trabalho e à caixa de correspondência da casa onde residio, cujo verde da paisagem que me envolve cria uma terna esperança na retina dos meus olhos. Foi decepcionante. Assinam a maioria das mensagens políticos de olho na campanha do próximo ano ou empresas comerciais interessadas apenas em manter a clientela.

CARTÃO DE NATAL: um símbolo da melhor tradição e que ainda vale pendurar na parede

Compreendo que amigos e parentes preferam o telefonema, o e-mail, ou o abraço direto, mas confesso que esperava, no meu romantismo incurável, pelo menos uma mensagem surpreendente, vinda de algum lugar do passado, fora do alcance das antenas da tecnologia.

Pois não é que o cartão inesperado chegou. Não

veio do passado. Veio do coração de uma mulher heroica, que fabrica bonecas de pano em sua cadeira de rodas para ajudar no sustento dos filhos. Dela recebi um cartão carinhoso, lembrando que minhas palavras lhe deram esperança no ano que está terminando.

Quem me dera ter este poder de tricotar pala-

bras de esperança, assim como ela dá forma humana aos seus retalhos!

Sei que não tenho. Nem sempre estou de bem com a vida, nem sempre encontro tempo para os amigos, para os afetos e para as coisas que realmente deveriam importar. Nem sempre uso o meu ofício de juntar letrinhas para contar histórias merecedoras de atenção. Às vezes me distraio da vida e sequer percebo que em cada cantinho humilde do meu bairro e da minha cidade existe alguém lutando bravamente por uma existência digna.

Mas ainda me comovo com um cartão de Natal, como esse que emblematicamente ostenta na capa colorida uma Nossa Senhora e seu Menino.

Vai passar a noite mágica pendurado na parede mais visível da minha casa. E do meu coração.

Fotos/ Reprodução



PARIS À WOODY ALLEN:

revisito alguns dos lugares do filme “Meia-noite em Paris” para ter certeza de que o passado já não é o que nunca foi

Recentemente, Woody Allen completou 88 anos. Quem conhece um pouco da obra do icônico cineasta sabe que a visão edulcorada que transparece dos seus filmes nem sempre se coaduna com a realidade concreta dos locais onde são rodados: a título de exemplo, a Manhattan do seu celebrado filme homônimo, na verdade, é uma alucinação muito mais amena do que o abrasivo borough nova-iorquino a que corresponde.

Doze anos após o saborosamente fantasioso “Meia-Noite em Paris”, Woody Allen voltou à capital francesa para rodar, desta vez em francês e só com atores locais, “Golpe de Sorte”, fotografado pelo mestre Vittorio Storaro, que descobre em Paris o brilho e os matizes da luz estival e outonal de Manhattan. Aliás, pelo meio social em que se passa a história, o da burguesia urbana endinheirada, pela forma como o cineasta encara visualmente a cidade, pelas características das personagens, pela direção dos atores e pela atmosfera geral, “Golpe de Sorte” podia muito bem passar-se em Nova York.

Fanny (Lou de Laâge), uma mulher bem casada e com um confortável emprego numa grande casa leiloeira, começa a enganar o marido, Jean (Melvil Poupaud), um investidor de sucesso mas de personalidade algo suspeita, com um escritor, Alain (Niels Schneider), seu antigo colega de faculdade. Fanny reencontrou-o por acaso na rua e ele veio recordar-lhe os tempos despreocupados de estudante, em que tinha interesses artísticos e culturais, e frequentava meios boêmios muito diferentes do aborrecido, fútil e intelectualmente limitado círculo de amigos do marido, que só falam de viagens e de restaurantes.

Pelo seu enredo, pela ideia narrativa, pelo desenvolvimento dramático e pelas implicações existenciais e morais, Golpe de Sorte é remanescente de (melhores) filmes anteriores de Woody Allen como Crimes e Escapadelas e Match Point, tendo uma personalidade e um toque mais leve – e um desenlace digno da melhor comédia negra (que é ao mesmo tempo uma “piada de mau gosto” macabra). O filme é ainda evocativo do cinema de um diretor como Claude Chabrol, através do meio burguês em que decorre e de um enredo que envolve adultério, ciúmes e vingança, com uns pozinhos hitchcockianos.

Como sempre, Woody Allen escreveu também o argumento de Golpe de Sorte (numa entrevista recente, Martin



Scorsese chamou-lhe “o único cineasta americano realmente independente”), que trabalha as ideias de liberdade individual, acaso, sorte e coincidência, e o seu papel e peso na vida das pessoas. E tira interpretações caracteristicamente “alienianas” do seu elenco francês (Melvil Poupaud é particularmente impressionante no filistino e algo sinistro Jean), onde a encantadora Lou de Laâge e Valérie Lemercier (esta na sogra que lê policiais e capta o cheiro a esturro) fazem, respetivamente, os papéis que teriam ido para Scarlett Johansson e para Diane Keaton se o filme tivesse sido rodado nos EUA.

Allen filma Golpe de Sorte com a elegância eficaz e a limpidez no contar que lhe são conhecidas, o equivalente cinematográfico de um compositor cuja partitura não tem uma nota a mais nem a menos, e que flui sem a menor impressão de elaboração ou de esforço (e por falar em música, a trilha sonora, cheia de jazz dos anos 1960, é surpreendentemente “moderna”, tendo em conta os gostos do realizador). Este é o seu 50.º filme, e talvez o último. Esperemos que não, porque mesmo em tom menor, Woody Allen faz-nos sempre falta.

Desde que a sua filmografia derivou para outras latitudes, alguns críticos apontam-lhe um declínio no engenho criativo; mas, se as obras redundaram quase em meros postais turísticos, em certos casos, isso é mais um problema dos cinéfilos do que dos viajantes. E se este tépido Golpe de Sorte – ainda em exibição, nas salas de cinema – não inspira grande curiosidade, quanto aos seus filmes situados na capital francesa já é mais difícil resistir à tentação de ir em busca das paisagens que animam

essa fantasia nostálgica e escapista que é “Meia-noite em Paris”, lançado há pouco mais de uma década.

Porém, o problema começa logo no alojamento. A menos que se tenha pais como os da noiva do protagonista – Gil Pender, interpretado pelo ator Owen Wilson –, pernoitar no luxuoso Le Bristol estará inacessível à maioria das carteiras maranhenses. Ainda assim, felizmente, nem todas as paragens são exclusivas de bolsos opulentos. Pelo contrário, por surpreendente que pareça, não é dispendioso jantar no restaurante Polidor, pouso habitual onde Hemingway, entre garfadas e copos, filosofava sobre como olhar a morte de frente, com bravura e dignidade, à semelhança dos caçadores de leões, na África; em compensação, dado o afluxo de clientes, é natural ficar-se entalado, à mesma mesa, entre dois casais de desconhecidos, caprichando nos extras vedados a quem opte pelo menu simples, de três pratos.

Mais acessível ainda, seguindo na direção do Panthéon, nada como esticar as pernas até ao centro da trama: as escadinhas laterais da Église Saint-Étienne-du-Mont, onde passa, na rua adjacente, o misterioso carro que transporta o protagonista até aos anos 20 do século passado (por coincidência, enquanto descia as escadas, à procura do melhor enquadramento para a fotografia anexa, repicaram os sinos da igreja e, por um milésimo de segundo, tive um sobressalto que quem viu o filme compreenderá). Gorada a possibilidade do recuo a eras ancestrais, uma alternativa é calcorrear, a pé, as ruelas até à livraria Shakespeare and Company,

cujo fundador, segundo reza a lenda (num dos livrinhos alusivos que folhee, entre os encontrões da turba), nem após muitas insistências consentiu fazer um começo no filme, esquivando-se para os seus aposentos, no piso superior, sempre que a equipa de filmagem aparecia, a fim de que ninguém o encontrasse. Pessoalmente, foi onde concluí que o protagonista só considerava a cidade ainda mais bela sob a chuva porque nunca teve de esperar na fila, à mercê dos pingos d’água, e de remexer no bengaleiro improvisado à procura do seu guarda-chuva, no meio de dezenas deles.

Excluindo outros lugares de pendur turístico (Tuileries, Montmartre) ou mais afastados do centro (Giverny, Versailles), não deve se esquecer de uma passagem pelo Maxim’s, onde Gil e Adriana desembocam, por sua vez, ao serem transportados para a Belle Époque (imediatamente antes de se cruzarem, no Moulin Rouge, com alguns vultos contemporâneos). E eis que, atravessando a Place de la Concorde, já depois do Palais Bourbon e antes do Quai d’Orsay, surge o grande final: a Pont Alexandre III, onde, perante os candelários a rebrilharem no pavimento úmido (ou isso já será a memória da minha própria experiência?), o enredo conhece um desenlace que não convém desvendar.

Parafrazeando o aforismo de um povo que os nativos parisienses tendem a execrar, já sabíamos, metaforicamente, que o passado é um país estrangeiro. Em “Meia-noite em Paris”, Woody Allen viaja literalmente para o estrangeiro em busca do passado, para nos revelar que o passado, mais do que já não ser o que era, já não é o que nunca foi.

Poesia de Borges

Sopro poético do poeta e escritor argentino Jorge Luis Borges, em O Fazedor:

“Fitar o rio feito de tempo e água e recordar que o tempo é outro rio, saber que nos perdemos como o rio E que os rostos passam como a água.

Sentir que a vigília é outro sonho que sonha não sonhar e que a morte que teme nossa carne é essa morte de cada noite, que se chama sonho.

No dia ou no ano perceber um símbolo dos dias de um homem e ainda de seus anos, transformar o traje desses anos em música, em rumor e em símbolo,

na morte ver o sonho, ver no ocaso um triste ouro, tal é a poesia, que é imortal e pobre. A poesia retorna como a aurora e o ocaso.

Às vezes pelas tardes certo rosto contempla-nos do fundo de um espelho; a arte deve ser como esse espelho que nos revela nosso próprio rosto.

Contam que Ulisses, farto de prodígios, chorou de amor ao divisar sua Ítaca verde e humilde. A arte é essa Ítaca de verde eternidade, sem prodígios.

Também é como o rio interminável que passa e fica e é cristal de um mesmo Heráclito inconstante, que é o mesmo e é outro, como o rio interminável”.

Dicas para os homens elegantes

Um terno preto é básico em qualquer guarda-roupa masculino, mesmo para quem não se veste formalmente. O visual pode ser clássico ou vanguarda, de acordo com os complementos, e tanto pode parecer informal quanto absolutamente social.

Usando informalmente

- Use com camisa branca ou preta, sem gravata
- Use com camiseta básica branca ou preta.
- Use com camisas listradas ou xadrez delicado
- Use com camisas em tons claros ou fortes
- Use com camisas estampadas em preto e branco
- Use com camisa bege
- Use o paletó com calças jeans e camisa branca
- Use a calça preta com camiseta ou camisa branca e jaqueta jeans
- Use com tênis escuro, sapatênis ou calçado claro

Usando formalmente

- Use com camisas cinza ou cáqui com gravatas combinando
- Use com camisa branca e gravata preta (moderno)
- Use com camisa branca e gravata cinza (formal)
- Use com camisa e gravata colorida (vanguarda)
- Use com camisa e gravata em tons de violeta (contemporâneo)
- Use com camisa em tons claros com gravatas estampadas ou tons pastel combinando (básico)
- Use com mocassim ou sapato amarrado preto e meias pretas

Inteligência artificial

O debate sobre a inteligência artificial poderia ser resumido numa questão: esta tecnologia beneficiará a humanidade ou causará a sua destruição?

Em 2023, a IA, que costumava ser uma preocupação da ficção científica, tornou-se tangível e atraente. Em novembro do ano passado foi lançado o ChatGPT, um bot conversacional que fornece informações, explica conceitos e resume ideias em frases simples. Em pouco tempo, milhões de usuários ficaram maravilhados com a capacidade do chatbot de escrever poesia, realizar trabalhos tediosos ou até mesmo redigir documentos legais. Ao mesmo tempo, um lado mais sombrio pôde ser visto: poderia facilitar a criação de textos, imagens, áudios e vídeos ultra-falsos, que promovem a desinformação ou eliminam empregos.

O debate sobre benefícios versus danos não se limitou à discussão acadêmica ou jornalística: também se expressou dentro da própria OpenAI, empresa criadora do ChatGPT, quando em questão de dias demitiu e reintegrou Sam Altman, seu diretor executivo.

A saga sobre a saída e regresso abruptos de Altman, uma das faces mais visíveis desta tecnologia, “foi o culminar de anos de tensões latentes na OpenAI, que confrontaram aqueles que estavam alarmados com o poder da IA com aqueles que viam na tecnologia uma oportunidade única de obter lucros e prestígio”, escreveram Tripp Mickle, Cade Metz, Mike Isaac e Karen Weise num fascinante relatório sobre o caos interno da empresa.

Inteligência artificial...2

O debate não é tão simples e não se resume a escolher entre velocidade e segurança, segundo o professor De Kai, pioneiro do aprendizado de máquina e especialista em ética da inteligência artificial.

A IA, argumenta num ensaio de opinião recente, já é uma realidade impossível de ignorar, por isso Kai propõe um equilíbrio para “desacelerar a implantação de inteligências artificiais que estão a exacerbar a instabilidade sociopolítica” e, ao mesmo tempo, acelerar o desenvolvimento. “aqueles que ajudam a reduzir esses níveis perigosos de polarização”.

DESTAQUE DA CAPA

Divulgação



PRIMEIRA MULHER CONSELHEIRA DO TCE-MA

Escolhida para ser a primeira mulher na composição do TCE em 77 anos de história da Corte de Contas, Flávia Gonzalez Leite é advogada e atual procuradora-geral do Ministério Público de Contas, Flávia Gonzalez Leite, teve a sua indicação aprovada por unanimidade para a vaga de conselheira do Tribunal de Contas do Estado (TCE/MA).

A candidata foi sabatinada pela Comissão Especial, composta pelos deputados Roberto Costa (MDB), presidente da comissão; Davi Brandão (PSB), vice-presidente; Rafael (PSB), relator; Eric Costa (PSD) e Antônio Pereira (PSB).

A presidente da Alemanha, Iracema Vale (PSB), também participou da audiência pública, que contou ainda com as presenças dos deputados Arnaldo Melo (PP), Rodrigo Lago (PCdoB), Carlos Lula (PSB), Glalbert Cutrim (PDT), Wellington do Curso (PSC), Rildo Amaral (PP), Osmar Filho (PDT), Júnior Cascaria (Podemos), Ana do Gás (PCdoB), Daniella (PSB), Andreia Rezende (PSB) e Abigail Cunha (PL).

A deputada Iracema Vale destacou o currículo e a trajetória profissional da indicada, além do pioneirismo em ser a primeira mulher a ascender a uma vaga na Corte de Contas do Estado.



O aplicativo Celular Seguro

No livro 1984, George Orwell nos apresenta um governo totalitário, dividido em quatro ministérios. O do Amor, controla e espiona a população. O da Verdade, mente. O da Fatura, privilegia

os poderosos. O da Paz, faz a guerra. Assistindo a uma reportagem do Jornal Nacional durante a semana, tive certeza: o nome do mais novo programa do governo federal foi inspirado nessa mesma lógica.

O aplicativo Celular Seguro resolve todos os seus problemas... depois que o seu aparelho foi roubado. Ora, se já foi roubado, pode-se falar em qualquer coisa, menos em segurança.

O aplicativo Celular Seguro...2

Faço coro com o jornalista Tulio Milman quando diz que a ideia, em si, não é ruim. Centralizar em uma única ferramenta a comunicação da ocorrência às operadoras e aos

bancos. Eles não prometem, porém, o bloqueio imediato do telefone móvel. Ou seja, assim como ocorre na natureza, o predador está desafiado a ser mais rápido, já que a

presa lhe concederá alguns preciosos minutos para que se refestele. É aquela velha história. Uma gazela mais veloz obriga o leão a correr mais. E vice-versa.

O aplicativo Celular Seguro...3

Só em 2022, mais de 1 milhão de celulares foram furtados ou roubados no Brasil. O número oficial é de 999.223, mas é consenso que existe uma grande subnotificação. Muita gente simplesmente não faz

queixa à polícia por acreditar que seu bem não será mesmo recuperado. O governo acredita que o novo aplicativo reduzirá a atratividade desse tipo de crime. Até pode ser. Entretanto, é pouco provável que, diante

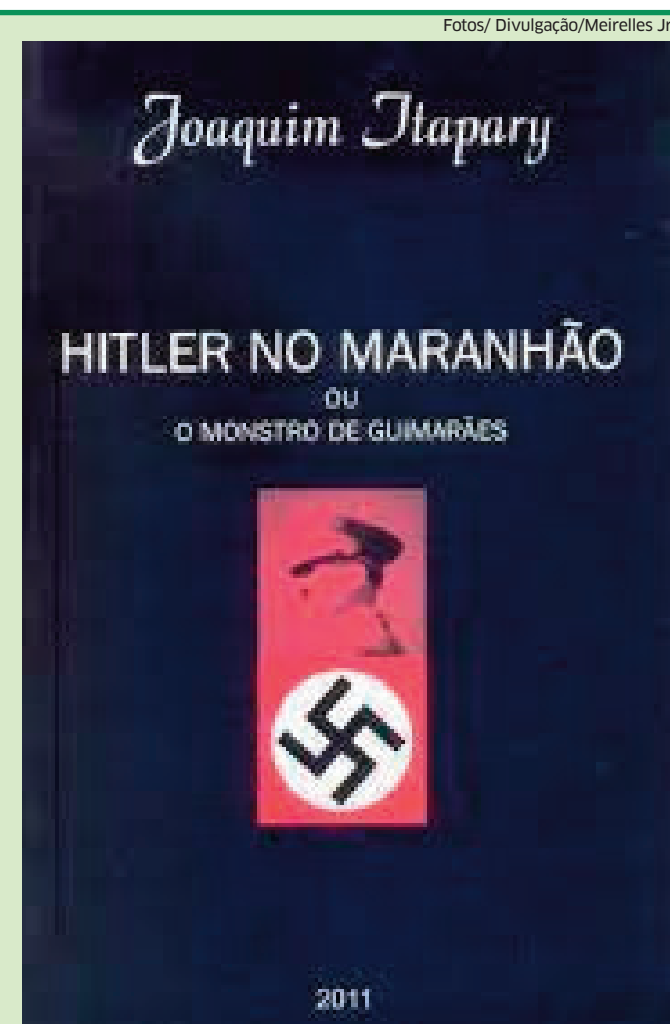
do novo e revolucionário aplicativo Celular Seguro, os meliantes hoje atuando nesse ramo vejam subitamente a luz e decidam abandonar o crime. Simplesmente vão roubar outras coisas.

O aplicativo Celular Seguro...4

Não quero aqui desfazer da iniciativa, apoiada pelos bancos, que sofrem com pedidos de restituições e bloqueios feitos por clientes que tiveram seus celulares levados pelos criminosos. Permito-me, porém, sonhar com um país no qual os

celulares não sejam roubados com tanta facilidade e impunidade. Um país onde os cidadãos possam passear despreocupados pelas calçadas sem buracos. Lugares assim existem, porque os eleitores e seus governos decidiram

que, em vez de investir em tecnologia pós-roubo, o mais correto era atacar primeiro as causas da violência. Enquanto esse dia não chega, vamos comemorar a chegada do Celular Seguro. O governo está aí para cuidar de nós, depois do assalto.



Joaquim Itapary e Hitler no Maranhão

"Hitler no Maranhão ou o Monstro de Guimarães". É o título do livro com que o escritor Joaquim Itapary brindou o público maranhense e nacional em dezembro 2011 – há 12 anos, portanto – e confirmou, mais uma vez, a excelência de sua arte literária.

A obra, que releio agora, foi lançada em São Luís durante uma noite de autógrafos das mais concorridas no Convento das Mercês.

Impagável, desconcertante e saboroso, o livro reúne crônicas publicadas pelo autor em "O Estado do Maranhão" ao longo do ano que passou, sobre as rocambolescas e fantasmagóricas situações engendradas por todo um imaginário desabrido sobre a presença de Hitler na terra de Gonçalves Dias.

Hitler no Maranhão...2

Nessa coletânea de crônicas, Joaquim Itapary empreende soberbo exercício de seus dotes de escritor, combinando o humorismo, na melhor fatura britânica, com outros gêneros literários, a começar pelo romance histórico, que ele celebra no texto por meio da aventura amorosa de Zé do Pato e Afonsina.

Nessa saga sentimental, o escritor nos embevece com a fluência e a cadência vigorosa de sua narrativa, na qual se ressaltam a riqueza das informações praticamente inéditas sobre a natureza maranhense, sua flora e fauna; a sintaxe do nosso caboclo, seu léxico, seu jeito de pensar e apreender o mundo.

Aí coletamos preciosos ensinamentos para nossas almas cidadinas. Sem falar do aporte de ludismo, entretenimento e a descoberta de uma linguagem típica, plena de achados semânticos, do nosso litoral.

Hitler no Maranhão...3

Com sólido domínio da trama romanesca, Itapary sabe, pois, manter os grandes equilíbrios entre as audácias inventivas em torno do monstro e as exigências da realidade, do contexto em que se desenrola a saga romanesca. Nisso, o escritor nos introduz ao universo dos odores, sabores, sonoridades, sensualidades, luzes e cores que dão vida e poesia aos personagens.

Aliás, os personagens também comem. A mesa é tosca, mas os pratos são aromáticos. Fica-se com água na boca com a descrição impressionista, sensorial e filmica de Itapary sobre o que eles comem, entre peixes, caças, bichos de pena. A galinha ao molho pardo perfumada com a pimenta de cheiro apresentada na narrativa, entre tantas outras opções de carnicia ao paladar, leva o leitor à tentação de tomar de assalto a cabana de Afonsina.

Hitler no Maranhão...4

Nessa deliciosa tecelagem literária, o escritor alterna os gêneros e registros. Da mais cândida e prosaica digressão poética regional, ele nos atira aos abismos vertiginosos da literatura de horror e do absurdo.

Lembra Edgar Allan Poe, Stephen King, Stevenson e Kafka, entre outros, quando aborda o drama da gestação e do parto do diabo, daquele lobisomem saído das entranhas de Afonsina e jogado no mar. Que ficou furioso, provocando medonhos vagalhões, um tsunami por pouco não arrasou as costas do Maranhão!

Hitler no Maranhão...5

Convém assinalar o prazer básico que já assegura, desde a primeira página, o livro de Itapary: a qualidade superior de sua prosa, própria de quem pratica o idioma de forma castiça, pelo estudo de seus clássicos, pela erudição adquirida nas leituras comparativas.

A elegância de seu estilo, a arte com que trabalha a clareza, a sutileza, a nuance, o bom gosto nos torneios de frase, transformam o texto numa involuntária celebração da língua portuguesa.

E reconcilia o Maranhão com aquela tradição de esplendor literário da Atenas Brasileira.



Há 12 anos Joaquim Itapary lançava o seu livro "Hitler no Maranhão ou o Monstro de Guimarães", uma obra que reconcilia o Maranhão com aquela tradição de esplendor literário da Atenas Brasileira

GASTRONOMIA



Moco-tó: uma iguaria que foi feita em um equipamento considerado a primeira panela de pressão da história

O PRIMEIRO MOCOTÓ

A pesquisa é de Marcio Luis Ferreira Nascimento, Professor da Escola Politécnica, Departamento de Engenharia Química da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e membro associado do Instituto Politécnico da Bahia

Ele conta que a primeira sociedade científica inglesa chama-se Royal Society, e foi estabelecida pelas mais brilhantes mentes do Reino Unido sob o título completo de "Sociedade Real de Londres para a Melhoria do Conhecimento Natural". Fundada em 28 de novembro de 1660 em Londres, tem como lema em latim "Nullius in Verba", expressão que pode ser traduzida como "não acredite na palavra de ninguém". Tal dito afirma desde sua fundação a vontade de estabelecer a verdade por meio de da investigação experimental e jamais na palavra de

qualquer autoridade. Historicamente, as primeiras reuniões desta academia de ciências iniciaram 20 anos antes por meio de um "colégio invisível" de sábios, entre eles Robert Boyle (1627-1691), polímata irlandês conhecido pela descoberta da lei que envolve a pressão e o volume de um gás (ao aumentar a pressão, o volume diminui na mesma proporção sob temperatura constante).

Entre as diversas discussões, surgiu a necessidade da divulgação de importantes resultados baseados em descobertas que ocorrem a partir da observação direta da natureza. Desta forma surgiu uma das primeiras revistas de divulgação científica em março de 1665 denominada Philosophical Transactions. Neste mesmo ano foi publicado o primeiro best seller científico, a obra Micrographia do polímata

inglês Robert Hooke (1635 - 1703), membro da Royal Society efetivado em 1662, que apresentava os primeiros objetos microscópicos, como detalhes dos olhos de uma mosca, a estrutura do ferrão de uma abelha, além do formato de piolhos, formigas e pulgas, por meio de belíssimos desenhos do próprio Hooke. Tal obra atendia aos objetivos desta academia britânica, qual seja, de disseminar e divulgar o conhecimento científico, além de fomentar pesquisas de alto nível.

Um outro grande feito, extremamente importante, foi efetuado pelo médico e inventor francês Denis Papin (1647 - 1713), que elaborou uma das primeiras máquinas térmicas ao criar uma panela de pressão em aço com uma válvula de segurança que evitava que a mesma explodisse. Papin, que assim como Hooke também foi assistente de Boyle, elaborou em 1679 um engenhoso sistema onde uma pequena massa, associada a uma alavanca, suspendia um pino toda vez que a pressão da panela excedia certo valor, podendo servir como um exaustor e assim evitar uma explosão. Tal dispositivo pode ser considerado a primeira panela de pressão moderna, e serviu de base para a primeira máquina a vapor, do mesmo Papin, proposta em 1690, dando início a Revolução Industrial décadas depois.

Para ilustrar o alcance de seus experimentos, Papin realizou um teste onde se propôs cozer uma certa quantidade de carne com

ossos, algo como um belo mocotó, e ofereceu aos membros da Royal Society num lauto "jantar filosófico", que assim passou a história. Tal aparato servia para extrair gorduras de ossos em um ambiente de vapor sob alta pressão formando geleias. Também tornava os ossos quebradiços o suficiente para serem facilmente moídos como farinha. Publicou um livro em 1681, intitulado "A New Digestor or Engine for Softening Bones" ("Novo Digestor ou Máquina para Amaciar Ossos") onde ensinava a cozinhar carnes de carneiro, boi, cordeiro, coelho, peixes, alguns doces, entre outras delícias culinárias. Os custos de publicação desta obra foram integralmente pagos pela Royal Society, sendo Papin eleito como membro estrangeiro no ano anterior.

Um dos presentes ao experimento degustativo de Papin foi o escritor inglês John Evelyn (1620 - 1706), também membro da Royal Society, que registrou em seu diário que tal "ceia filosófica causou muita alegria e agradou muito a todos" presentes. Realmente, para quem já provou, não se pode duvidar de nada mais saboroso que um mocotó bem feito. E o registro do primeiro não deixa margens para dúvidas...

Em São Luís, o mais bem sucedido Moco-tó é o que a Cabana do Sol serve todos os sábados e que atrai, no último sábado de cada mês, um grande grupo batizado de Confraria do Moco-tó, presidido por José Maurício Macedo.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Antonio Blecaute, Douglas Paulo da Silva com Flávia Gonzalez Leite e o conselheiro do TCE, Daniel Itapary Brandão



Elmorane Moura, Douglas Paulo da Silva, Guga Fernandes e Débora Costa

DOUGLAS PAULO RECEBE TÍTULO DE CIDADÃO DE SÃO LUÍS

Procurador do Ministério Público de Contas, Douglas Paulo da Silva foi homenageado no início desta semana com o Título de Cidadão de São Luís, conferido pela Câmara Municipal em reconhecimento aos serviços prestados à capital maranhense. A cerimônia foi conduzida pela vereadora Rosana da Saúde (Republicanos), autora da proposição que originou a solenidade. O ato contou com a presença dos conselheiros do Tribunal de Contas do Estado (TCE/MA), Osmário Guimarães e Daniel Itapary Brandão; da atual procuradora-geral do Ministério Público de Contas, Flávia Gonzalez Leite; e do conselheiro-

substituto Antônio Blecaute. À noite, a empresária Guga Fernandes, presidente da Rede Ame (Associação de Mulheres Empresárias), abriu os salões de seu apartamento na Península da Ponta d'Areia, para uma agradável recepção em homenagem ao mais novo cidadão honorário desta Capital. Nascido em São Paulo, Douglas Paulo da Silva é um jurista e Procurador de Contas que dedicou sua vida ao aprimoramento da administração pública e à promoção da justiça. Com vasta experiência em Direito Público, ele se destacou como uma figura proeminente no cenário jurídico brasileiro.



Guga Fernandes e Douglas Paulo com os filhos dela, Gustavo e Felipe Pires de Castro



Flávia Gonzalez Leite e Marques Feitosa



Douglas Paulo da Silva entre Débora Costa e Léo Kilmer



Natália Lago e o Repórter PH



Vereadora Rosana da Saúde, conselheiro Daniel Itapary Brandão e o pastor Valdir



Pastor Valdir, Débora Costa e vereadora Rosana da Saúde



Douglas Paulo, Léo Kilmer e Débora Costa



Ingrid Grill e José Lino da Silveira Júnior



Isabela Andrade e Lawrence Mello



O Repórter PH com Nayara Couto



Marcone Lopes e Analice



Major Felipe, Augusto Carvalho, Deputado Leandro Bello e o Conselheiro Osmário Guimarães



Ronaldo Paixão e Isabela Andrade



Alexandra Trovão, Patrícia Heluy e Clara Moreira

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



O Repórter PH entre algumas das belas senhoras que pontificavam na noite: Márcia, Elmorane Coelho, Débora Costa, Valéria Amorim, Nayara Couto, Guga Fernandes, Flávia Gonzalez Leite, Patrícia Heluy e Fran Cardoso



Léo Kilmer, Carla e Gustavo Albuquerque Belfort, Douglas Paulo e Guga Fernandes



Carla e Gustavo Albuquerque Belfort



O Repórter PH com Guga e Douglas Paulo



Elmorane Moura



José Lino Junior e Ingrid com o Repórter PH e Douglas Paulo



Deputado Leandro Bello e Anna Carolina



Marques Feitosa e Flávia Gonzalez Leite com Anna Carolina e o deputado Leandro Bello



Natália Lago e Felipe Carvalho com o Repórter PH



Guga Fernandes e Douglas Paulo com o deputado Leandro Bello



César Santos e Clara Moreira



Evanilde e Eurico Noleto



Augusto Carvalho e Márcia Cerqueira com Tatiana e o Conselhoiro Osmário Guimarães



Luciano Ferrari e Isabela



Douglas Paulo com o advogado Bruno Brasil



Nayara Couto, Analice Lopes, Flávia Gonzalez Leite e Elmorane Moura



Gustavo Belfort e Luiz Emílio

Fotos/Divulgação



AMIGAS PARA SEMPRE

Elas formam um grupo de amigas sempre de bem com a vida e estão sempre juntas nos fins de semana, acompanhadas dos maridos e outros amigos, em alegres rodadas de degustação de bons vinhos no Bistrô Grand Cru ou no Mamma.

Mas vez por outra elas dispensam a companhia dos maridos e promovem confraternizações para celebrar a nova idade das aniversariantes do mês ou simplesmente para festejar a alegria de viver.

Melina Sereno Fernandes, Rose Medeiros, Kátia Athayde Rocha e Thatiana Bandeira (sentadas); Cida Valadão, Flávia Araújo Ferraz, Ligia Silva e Ana Elvira Buhatem (de pé na foto acima) são habituéss dessas reuniões. E realizaram a última confraternização só de mulheres do ano.



Rose Medeiros e Thatiana Bandeira



Ana Elvira Buhatem e Ana Lúcia



De pé, o grupo de amigas em frente à árvore de Natal do "Mamma Restaurante"

Natal é tempo de expressar afeto por alguém

Eis a lição do sábio Hamilton Mabi: "Bendita seja a data que une a todo mundo numa conspiração de amor". Daí a necessidade de falar esperança. De alimentar esse ser humano especial que existe dentro de nós. De perceber quantas pessoas profundamente generosas cruzam em nossa história de vida todos os momentos.

É preciso perceber a realidade que nos cerca e encontrar maneiras de contribuir para sua transformação. Fazer mutirões de solidariedade. Organizar campanhas que conscientizem a todos nós da responsabilidade pessoal e comunitária que temos para com nossa cidade.

Precisamos de utopias que alimentem nosso imaginário e nos permitam dar vida à mágica de perseguir sonhos, condição para que nos sintamos vivos. Sim, a água viva ainda está na fonte. Bebamos desse manancial chamado humanidade, o reverso da cultura da barbárie e de uma vida banalizada.

Há mais de 2 mil anos esse menino chamado Jesus

continua a inquietar e a exigir de todos nós a superação da coisificação humana e a constituição plena de nossa humanidade.

Comercializamos a vida e esquecemos-nos da essência desse tempo. Natal não é uma mercadoria. É acolher a vida que brota naquela gruta, fonte de esperança.

É da gruta de Belém que surgem os segredos da felicidade humana. Lá reinam a simplicidade, a generosidade e o amor gratuito. Ali nasceu um projeto de vida com causa e consequência.

Jesus nasce e cresce em idade, sabedoria e graça. Dizendo em outras palavras, esse menino nasce e descobre que há uma sutil diferença entre aquilo que é essencial e o acessório.

Naquele primeiro Natal, não houve lugar para o consumismo desenfreado vendido de todas as formas em todos os lugares. Naquela gruta, a humanidade ali presente nas pessoas de pastores e reis magos era a síntese da possibilidade de que toda a vida, quando

amada, aproxima todos de um mesmo sentido. Faz entender que o ato de amar é fruto daquilo que fazemos quando dizemos que amamos.

Então é Natal, tempo de expressar afeto por alguém. Tempo de dizer às pessoas que elas são o presente mais maravilhoso deste Natal. Hora para o exercício da reconciliação. Momento para trocar abraços e deixar-se enternecer pela mensagem de pureza que chega da gruta de Belém.

Escutemos as crianças e os jovens sobre qual o presente que gostariam de ganhar. Ficariamos surpresos e maravilhados com suas respostas. Diriam, provavelmente, que sonham com uma família equilibrada, uma escola dialógica e uma cidade cidadã.

Escutemos nossos idosos. Diriam que são especiais, que sua maturidade pode contribuir para um mundo com mais esperança. Pediriam mais respeito e valorização. Sonham com abraços de filhos, netos, amigos e de uma

comunidade engajada também na causa por uma velhice amada em todos os sentidos.

Natal, hora do resgate do nascimento do ser humano que sempre podemos ser. Melhores em tudo, melhores no amor, construindo dias melhores.

Peçamos a esse menino que nos ajude a cultivar esse sonho e a construí-lo com paciência e persistência nos lugares onde vivemos. Em cada lugar de nossa cidade existe uma Gruta de Belém. Descubra-a sem medo. Ela está próxima do teu coração. Sigamos a estrela sob o signo da fé, da esperança e da caridade.

Que a correria do final do ano não nos impeça de fazermos um gesto, por menor que seja, em direção ao próximo. Celebrar a vida e abraçar as muitas formas que possuímos para tornar esse momento sublime do Natal num espaço onde possamos ver o brilho no olhar de quem recebe nossa atitude natalina.

É da gruta de Belém que chega esse desafio.

NA ALEGRIA OU NA TRISTEZA... CHAMPAGNE!

Amigo secreto, festa da firma ou da repartição, encontros de velhos amigos... As festas, em dezembro, não se limitam à noite de Natal e ao Ano Novo. Em todas elas, o espumante, que é o nosso champagne nacional, é o rei da festa.

Até anos atrás o nome "champagne" era de uso privativo dos espumantes elaborados na região de Champagne, na França. Hoje, a palavra champagne já se tornou a designação genérica de vinho espumante. Num brinde comemorativo não há outra bebida. Num jantar, champagne ou espumante acompanha qualquer prato, da entrada à sobremesa.

Sobre o champagne as lendas são muitas. Madame Lily Bolinger, que comandou com estilo e mão de ferro a Casa Bolinger da França, que produz um dos melhores champagnes do mundo, certa vez produziu uma definição maravilhosa dessa bebida misteriosa e borbulhante.

Ouve só o que ela disse: "Bebo champagne quando estou contente e também quando estou triste. Às vezes quando estou só, mas em companhia considero obrigatório. Beberico quando estou sem fome, e bebo com disposição quando vem fome. Em outras ocasiões não toco no champagne. A menos que esteja com sede."

Fotos/Divulgação



VINHOS PORTUGUESES QUE FICAM BEM NAS MESAS DE NATAL

Uma mesa de Natal é um bom laboratório para evoluirmos e para treinarmos o gosto. Vamos lá, então, abrir o espírito à prova.

Se existe uma área cuja evolução merece aplausos, ela é a ligação precisa entre vinho e comida. Em tempos próximos os produtores faziam os vinhos como sabiam – como a natureza dava ou como era a tradição – e depois iam atrás da comida que mais se adaptava às suas criações.

A regra era brancos para peixe, tintos para carnes e não se falava mais nisso. Hoje, já não dá.

D. Maria Grande Reserva 2017, da Região do Alentejo

O bacalhau, bem se sabe, "é carne", mas um branco com estrutura é muito capaz de substituir os tintos com que tradicionalmente se acompanha este prato. E quando se fala de estrutura, tem de se falar da casta Encruzado. Este topo de gama da Taboadella tem não apenas o volume de boca característico da Encruzado como uma marca de madeira que reforça a sua capacidade de lidar com a gordura do bacalhau. Vale ainda pelo seu aroma, com fruta de polpa branca a temperar-se com uma nota "apetrolada" muito interessante, pela acidez que lhe reforça o caráter e por uma marca de fruta muito original. Nesta sua fase, pode-se acreditar que mais um par de anos produzirão uma integração mais eficaz da marca da madeira, mas para um prato de bacalhau já está muito competente.

Graham's Colheita 1997, da Região Vinho do Porto

Ao quinto ano de vida, este tinto de topo da casa de Júlio Bastos começa a entrar naquela fase de equilíbrio entre a jovialidade da fruta e a complexidade do envelhecimento que toma sempre os vinhos tintos mais interessantes. Os aromas de ameixa preta e de frutos silvestres, com uma nota de menta bem característica, estão lá. Mas o perfil clássico da garrafa já se afirma. Na boca tem um belo volume e persistência, com notas de fruta madura a causarem uma sensação de doçura que se dilui na marca da barrica (um ano de estágio em barricas novas de carvalho francês), na acidez, numa estrutura de taninos suaves, mas bem presentes, e num final de boca delicioso e dominado pela especiaria. Ou seja, este é um grande vinho que merece uma grande noite.

A propósito: a Graham's celebrou há pouco 200 anos de vida e é uma

marca mais associada aos Vintages da mais alta estirpe do que à categoria dos tawnie. Mas qualquer casa que disponha do imenso e valioso estoque de vinhos como os que a família Symington guarda em Gaia pode fazer tudo, ou quase tudo, em grande estilo. O Colheita de 1987 não é exuberante no aroma, embora disponha do catálogo que qualquer Porto já com idade e vida em casco deve ter: café, fruta seca e casca de laranja cristalizada. Na boca parece que se transforma e dá lugar a um vinho denso, intenso e longo, com uma primeira impressão de fruta seca a dar lugar a uma secura cítrica no final que permite um final de boca fresco, persistente e saboroso. Ideal para acompanhar os tradicionais doces das sobremesas do Natal.

Quinta dos Carvalhais Touriga Nacional 2019

Notas de prova Numa noite em família, onde o nível de conhecimento dos vinhos é por regra assimétrico, faz sentido pensar num vinho consensual, no qual a qualidade da fruta, o poder de sedução dos aromas ou taninos de seda predominem. O Touriga Nacional de Carvalhais garante essas condições. Claro que, para enófilos mais experimentados, este tinto revela ainda muito fulgor e recomenda uns anos largos na cave. Mas, veja-se a proposta noutra perspectiva: pelo magnífico nariz, com a esperada sensação de violeta a temperar-se com sugestões de caramelo e fruta seca. Na boca é um falso delicado. Ou melhor, é um tinto com todas as subtilezas da Touriga do Dão, mas tem uma ótima estrutura, uma marca de especiaria e uma nota seca no final que deixam adivinhar uma boa relação com o bacalhau.

Ravasqueira Vinha das Romãs Tinto 2019, da Região Alentejo

Num tempo em que os vinhos "laranja", de curtimento, estão na moda, vale a pena olhar para este Alvarinho de Anselmo Mendes, um branco sério e perfeito para a ceia de Natal. Perfeito porque o colágeno do bacalhau e a gordura do azeite pedem vinhos com acidez e algum tanino e um branco de curtimento oferece isso. Bebido de olhos fechados, este Tempo pode até passar por um tinto. Como foi feito este vinho? Metade do lote fermentou com as películas e a outra com cachos inteiros não desengaçados. A mistura das duas fermentações estagiou depois nove meses em barricas com batimento das borras finas, essencial para apaziguar a parte mais verde do vinho. Oito anos passados, é um vinho poderoso e cheio de garra e frescura, com sugestões vegetais e florais misturadas com outras frutadas de perfil mais cítrico, como é típico nos Alvarinhos.

Mouchão Tinto 2015, da Região Alentejo

Se há momentos em que pode cair bem um tinto concentrado, a ceia de Natal é um deles. O Ravasqueira Vinha das Romãs, lote de Touriga Franca e Syrah, oferece concentração, acrescida de boa fruta (vermelha e do bosque), notas de chocolate e tabaco e um agradável toque químico. Os 20 meses que o vinho passou em barricas novas ainda deixam um pouco de marca, apesar da elegância dos taninos. Mas esse é um "problema" que tende a desaparecer à mesa.

Um clássico do Alentejo que nunca nos deixa mal, pois consegue como poucos aliar concentração e riqueza a uma vivacidade e frescura deliciosas. Lote de Alicante Bouschet (80%) e Trincadeira, é um tinto com muito sabor e nervo que pode elevar a ceia de Natal a um nível muito alto, se o bacalhau estiver à altura, claro.

Fotos/Divulgação



Da esquerda para direita: José Carlos Marinho, Adalberto Furtado, Itamon Magalhães, Marco Polo Rocha, Allan Kardec Ferreira, Antonio Ibiapina Mendonça, Carlos Augusto Vieira, Ana Lucia Braga Muniz, Francisco Siqueira, Waldimar Azevedo, José Geraldo Ferro, Jeová Barbosa, Antonio Palmeira, Reginaldo Freire, Antonio de Lima Henrique Henriques, Ana Lúcia Muniz, José Carlos Marinho, Celso Borgneth e José Ribamar Mattos.

JUBILEU DE OURO

da terceira turma de Engenharia Civil da Escola de Engenharia do Maranhão

A terceira turma de Engenharia Civil da Escola de Engenharia do Maranhão, 1973-2023, comemorou em grande estilo

o Jubileu de Ouro de formatura, com Missa em Ação de Graças na Catedral Metropolitana de São Luís, seguida de jantar de

confraternização no agradável restaurante Armazém do Chef, no Calhau, reunindo os integrantes da turma e seus familiares



Joaquim Neto, Maria das Graças e Jeová Barbosa e o neto Rafael Barbosa



Jeová Barbosa e a esposa Maria da Graça durante a missa na Catedral



Edna e Ribamar Mattos



Mayra e David Mattos



Glaydson Lima (em pé) com Itamon Maria Celene de Magalhães e Mônica Lima



Ana Lúcia Braga Muniz entre a neta Marcela Muniz, a nora Monalisa Muniz, e a irmã Medinho Braga Furtado



Ana Lúcia Braga Muniz com os filhos Marco Antônio Braga Muniz e Marcelo Caetano Braga Muniz, a nora Rosyara Braga Muniz e as netas Maria Fernanda e Isabela.



Fotos/Divulgação

Edifício-sede da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), onde foi realizada a cerimônia de premiação

UBE ENTREGA TROFÉU DO ANO PARA SALGADO MARANHÃO

O escritor, poeta e compositor Salgado Maranhão, maranhense de Caxias, recebeu na tarde de 18 de dezembro, o Troféu Rio 2023, outorgado pela União Brasileira de Escritores (UBE), seção do Rio de Janeiro. A cerimônia foi realizada no auditório do edifício-sede da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), na Avenida General Justo, no centro da capital fluminense.

À solenidade compareceram diretores da UBE, escritores, jornalistas, artistas plásticos e teatrais, entre outros convidados.

Antes da premiação, foi apresentada a exposição da artista plástica Lina Ponzi. Após, o grupo teatral No Palco da Vida apresentou o espetáculo "Vozes Negras", que incluía textos poéticos de Salgado Maranhão e encerrou com nova e aplaudidíssima apresentação da música "Carará", do cantor e compositor maranhense João do Vale.

A entrega do troféu para Salgado Maranhão, no palco do auditório e na presença de diretores da UBE, foi precedida de pronunciamento da artista plástica espanhola, radicada no

Brasil, Ascensión Chanqués, também escritora, poeta e professora de pintura e desenho.

Ascensión Chanqués é artista premiada, com muitas exposições no Brasil e exterior e estúdios no Rio de Janeiro e Valência (Espanha). Ela é a artista plástica a quem a UBE confiou a tarefa de criação do Troféu Rio 2023 concedido a Salgado Maranhão.

A propósito: Salgado Maranhão foi alvo de homenagens em pronunciamentos antes e depois da entrega do Troféu. Diretores da UBE-RJ revezaram-se em falas de reconhecimento e elogios à obra do grande poeta brasileiro. Em seguida, o próprio poeta falou e disse de sua arte poética, entremeando a fala com seus próprios textos poéticos, merecendo demorados aplausos.

Salgado Maranhão citou seu conterrâneo caxiense e escritor Edmilson Sanches, presente no evento, lembrando que a Sociedade Nacional de Agricultura, onde se realizava a solenidade de outorga do Troféu Rio 2023, tem como presidente de honra outro caxiense, o empresário,

agrônomo e ex-deputado federal João Christino Cruz (1857-1914), considerado por muitos como o responsável pela criação do Ministério da Agricultura.

A direção do evento abriu a palavra para a plateia, com diversos escritores tendo utilizado a palavra, com destaque à pessoa e à produção literária de Salgado Maranhão.

O jornalista e escritor Edmilson Sanches também se pronunciou em discurso onde mostrou que o talento de Salgado Maranhão, que se diferencia na poesia pela excelência e compromisso, continua uma saga de talentosos maranhenses, a partir do século 19, com o poeta caxiense Gonçalves Dias e diversos outros nomes que Sanches pormenorizou para uma plateia vivamente interessada em informações e detalhes ainda de pouco acesso aos demais brasileiros e mesmo a maranhenses.

A concorrida solenidade da UBE-RJ foi encerrada com variados comes e bebes e pedidos de fotos com o homenageado da tarde, Salgado Maranhão.



Salgado Maranhão recebendo o Troféu Rio 2023



O homenageado ladeado por artistas que prestigiaram a cerimônia de premiação



Salgado Maranhão, de óculos, com Edmilson Sanches, ladeado pelos escritores Jean Carlos Gomes (à esquerda), de Volta Redonda - RJ, e Edir Meirelles, do Rio de Janeiro - RJ. O edifício-sede da SNA.



Fotos/Divulgação/Herbert Alves

AMIGOS NO RIO POTY HOTEL

Dia 14 de dezembro, após a cerimônia de entrega da Medalha do Mérito Legislativo Manuel Beckman, mais alta comenda da Assembleia Legislativa do Estado, Pergentino Holanda e Félix Alberto

Lima foram comemorar a homenagem no almoço da Confraria no Rio Poty Hotel. Na foto, José Jorge Leite Soares, Félix Alberto Lima, Daniel Albuquerque Filho e Benjamin Franklin Alves



Adriana e Félix Alberto Lima com o filho João Pedro



José Augusto Murad Duailibe e Roberto Albuquerque



O Repórter PH e Armando Ferreira



José Ribamar Oliveira, José Walter Maciel e o PH



Luiz Campos Paes e William Ribeiro



Fernando Santos e Ronald Almeida

Evandro Júnior
 evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

[@evandrojr](https://twitter.com/evandrojr)
[@evandrojr](https://www.instagram.com/evandrojr)



A influenciadora digital Thaynara OG recebeu a medalha Simão Estácio da Silveira, maior honraria concedida pela Câmara Municipal de São Luís e entregue a personalidades reconhecidas pela notável contribuição para o desenvolvimento da capital maranhense. Em suas redes sociais, a maranhense disse que reconhecimentos como esse a motiva a sempre dar o melhor de si em cada projeto. "Somos unidos pelo mesmo propósito e pelo amor a nossa São Luís! Me sinto abençoada por estar finalizando meu ano de 2023 assim! 2024 vem com tudo!", escreveu.



Gerente do Rio Poty Hotel & Resort, Armando Ferreira, recebeu equipe da Sema no Rio Poty Hotel 7 Resort, na manhã de quarta-feira (20)

- Na manhã da última quarta-feira (20), uma equipe da Secretaria de Estado de Meio Ambiente (Sema) esteve no Rio Poty Hotel & Resort e descartou qualquer ação irregular por parte do empreendimento hoteleiro que pudesse estar causando danos ao meio ambiente.
- Além disso, a pedido da própria direção do hotel, os técnicos realizaram uma fiscalização detalhada, comprovando, também, que a rede de esgoto do Rio Poty encontra-se regular e ativa, dentro do padrão adotado pela Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão (Caema).
- A equipe comprovou as inverdades das insinuações de um morador de um prédio localizado nas proximidades, o qual gravou vídeo mostrando esgoto do hotel.
- Os técnicos, na presença de um oceanógrafo, coletaram uma amostra da água para análise em laboratório, pois observaram que a mancha nada tem a ver com derramamento de esgoto irregular naquele perímetro da cidade.
- Além disso, a pedido da própria direção do hotel, os técnicos realizaram uma fiscalização detalhada, comprovando, também, que a rede de esgoto do Rio Poty encontra-se regular e ativa, dentro do padrão adotado pela Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão (Caema).
- Tudo indica que o problema da mancha mostrada no vídeo decorre das condições das galerias pluviais existentes naquela região (sistema de dutos subterrâneos destinados à captação e escoamento de água pluvial coletada pelas bocas coletoras), as quais transbordam com a chegada das chuvas, arrastando dejetos para a faixa de praia.
- A manutenção dessas galerias é de responsabilidade da Prefeitura de São Luís.



Marcello Duailibe recebe a medalha das mãos da vereadora Fátima Araújo

MARCELLO DUAILIBE É HOMENAGEADO NA CÂMARA MUNICIPAL

Destaque como jovem gestor, o economista Marcello Duailibe, atual presidente da Empresa Maranhense de Serviços Hospitalares (EMSERH) e do Conselho Regional de Economia do Maranhão, recebeu das mãos da vereadora Fátima Araújo as honras da Câmara Municipal de São Luís, pois foi condecorado com a Medalha 'Simão Estácio da Silveira'.

A honraria é destinada a agradecer personalidades locais, nacionais ou estrangeiras que tenham contribuído para o município de São Luís.

Simão Estácio da Silveira foi o fundador e primeiro presidente do Senado da Câmara de São Luís, segundo registros históricos.



Esse será o clima do Bloquinho do Casarão na tarde deste sábado, quando os foliões vão se concentrar às 16h no Bar Doce Veneno, próximo à Beira-Mar, e de lá seguirão em cortejo em direção ao espaço mais badalado do Centro Histórico aos fins de semana. No Casarão, haverá shows de Bicho Terra, Fabrícia, Feijoada Completa e Allysson Tavares, além dos DJs Arsênio Filho, Rogério Mix e Thiago Rodrigues. Tudo a partir das 19h